

MÚSICA NA EVANGELIZAÇÃO

Rev. Itamar Bezerra

Sou pastor presbiteriano há 17 anos, tenho tido a oportunidade e a felicidade de ministrar palestras sobre música e louvor, que é uma área forte no meu ministério, e tive a felicidade de receber esse convite para falar sobre a música na evangelização, que para mim é fundamental pela importância que a música tem, especialmente hoje na igreja brasileira em que a música é um tipo de carro chefe. Tem toda ministração e sabemos que é assim. Eu ainda me lembro, quando estudei e pesquisei a respeito do tempo, em que a música era um detalhe à parte, e que a mensagem, o estudo bíblico, naturalmente era o centro. E a Palavra de Deus deve ser sempre o centro. A música hoje é o carro chefe, que prepara todo o ambiente. Quero começar essa palestra falando a vocês de música como música, fazer uma distinção entre música e louvor, e caminhar nessa direção com vocês. A música tem um poder extremo nas mentes e corações das pessoas, independentemente se é uma música inspirada, divina ou profana. A música tem uma divisão que é o ritmo, melodia e harmonia e que combina com as divisões da natureza humana. Só como um exemplo, a melodia fala ao espírito humano, a alma é ministrada pela harmonia e ritmo. Por causa disso é que a gente percebe o poder que a música tem e exerce, ele é crescente à medida que a gente se abre para recebê-lo, abre a mente, o corpo, os ouvidos, se envolve pela melodia, pelo ritmo, pela harmonia, então a gente é tomado pelas ondas de uma canção. Assim, uma música sendo profana ou divina, naturalmente exerce um poder tremendo sobre a vida das pessoas e ela está em tudo: na política, arte, guerra, esportes, religião.

A música faz parte de tudo. Ela é produzida, trabalhada e elaborada para atingir fins específicos. Por exemplo: você tem aquela música, tema das manhãs de domingo, quando o Ayrton Senna trazia as alegrias para o Brasil, a gente a tinha como tema da vitória, porque quando o Senna cruzava a linha de chegada, tocava aquela música. No dia da sua morte, a mesma música, os mesmos acordes foram tocados numa música envolvida pela tristeza, pela melancolia. A música faz parte de momentos graves, agudos, de alegria, tristeza, reflexão, poesia, em tudo a música está presente e exerce uma influência tremenda sobre a vida, sobre o cotidiano das pessoas. Mas quero destacar e falar de música, para estabelecer e fazer a diferença entre música e louvor, que é muito gritante, chegando ao nível que uma coisa não tem nada a ver com a outra. São completamente distintas.

Música tem a ver com acordes, timbres, ritmos e sons, ensaios e técnicas. Louvor tem a ver com reconhecimento, elogios, intimidade e caminhada com Deus. Em Hebreus 13, Paulo fala que é fruto de lábios de quem conheceu o Senhor, ou seja, o louvor não está necessariamente ligado a música e sim a estilo de vida, a uma alma curada, tratada que vive com Deus. Sendo assim vejo que a música é mais um instrumento de louvor a Deus e essa diferença, que não é percebida em muitos lugares, tem trazido confusão, especialmente no meio evangélico. Por exemplo, quando a gente diz assim na igreja: "vamos dar início ao momento de louvor". Então, começa e termina o louvor, mas na verdade o que terminou não foi o louvor, foi a música. Louvor é algo contínuo, interior, é um estado, um sentimento, uma emoção, uma atitude da alma de alguém que conhece o Senhor e enxerga nEle esse objeto de reconhecimento, de gratidão, digno de ser admirado, agradecido, louvado, isso é louvor. E pode ser com ou sem música e som. Louvor é feito com um gesto, uma palavra, com atitudes, isso é louvor a Deus, e todas as outras partes componentes de um grupo são louvor a Deus. Louvor é para agradecer, engrandecer o nome de Deus, declarar aquilo que ele é, não necessariamente com música.

Há uma grande diferença e alguns ministérios, grupos de louvor das igrejas misturam essa realidade e trabalham com o louvor de uma forma mística. Vou tratar deste assunto mais para frente mas deixo uma pincelada aqui. Eles deixam de lado a técnica, o estudo, o preparo e esperam que o Espírito de Deus tome as pessoas, seus membros, cabeças e dali flua um perfeito louvor. Na verdade, as coisas caminham paralelamente. A Bíblia diz, no Salmo 33, que o louvor a Deus deve ser tangido com arte e júbilo. Arte é a técnica, a forma, a essência, o trabalho, a música; júbilo é a unção, a presença de Deus, aquela emoção e sentimento que vem de dentro, fruto de lábios que conhecem o Senhor. Eu tenho andado em muitos lugares e tido a oportunidade de tocar, ouvir e acompanhar pessoas lidando com essa questão de música na igreja e tratando com tanto desleixo das coisas do Senhor. Em algumas igrejas, grupos, encontros e eventos a gente percebe essa mistura, pessoas que não se preparam, não trabalham e não sabem lidar com essa questão e trazem à tona um ítem do Velho Testamento muito comum nos nossos dias, que é a chamada questão dos levitas.

Tornou-se um jargão evangélico falar dos levitas do Senhor, aqueles que estão no altar são os levitas, mas, quem são eles? Se formos estudar a Bíblia, os levitas são da tribo de Levi e foram separados por Deus para cuidar exclusivamente das coisas do altar. Eles lidavam com o tabernáculo, com a montagem e desmontagem dele, o zelo, o lustrar. Havia também os levitas porteiros, que não tocavam, eles eram fortes e usavam esse atributo para o louvor de Deus e para cuidar das coisas sagradas. Aqueles que lustravam os móveis eram também levitas e usavam isso para o louvor e adoração de Deus. Tinham os chefes que cuidavam da ordem do culto, de quem ia participar, a ordem de cada conjunto e os levitas cantores, músicos, dirigentes e os sacerdotes levitas, que eram os responsáveis, os pastores daquela congregação e povo, e todos eles estavam debaixo da ordem do rei, em I Crônicas 15,25 fala que os levitas cantores e regentes foram pessoas escolhidas porque eram entendidas disso, peritas nessa matéria, não era qualquer pessoa que era escolhida e colocada para cantar. Eu já acompanhei muitos jargões de pessoas em igrejas que misturam louvor com música e dizem: "Irmãos, vou cantar uma música, sou meio desafinado, mas cantar é para a glória de Deus". Isso não faz sentido, eu vou tocar aqui mesmo mas é para a glória de Deus, eu ainda não sei tocar direito, e misturam as coisas como se a glória de Deus fosse representada pelos nossos desgovernos. A glória de Deus fala de excelência, de perfeição e Ele escolheu as coisas certas para os lugares certos. Quando chamou os cantores, eram pessoas que sabiam lidar com a voz, sabiam cantar, os outros sabiam reger e tinham os sacerdotes que cuidavam daquela equipe. Era uma coisa bem encaixada e eles eram consagrados para aquele fim.

Hoje, na cultura evangélica, o levita tornou-se a figura de toda pessoa que lida com música, e o altar de muitas igrejas tornou-se um espaço, um palco e até uma tribuna para concorrer à vaidade, às disputas e até uma certa vitrine, onde as pessoas gostam de mostrar o que sabem. Mostram que sabem tocar e cantar e, às vezes, até sem saber muito. Esta é uma grande realidade que invade o evangelicalismo e a nossa forma de culto de expressar a nossa gratidão a Deus. Misturam arte com louvor e esperam que venha algum tipo de coisa mística, que alcança, toca a vida das pessoas.

Mas música é música, louvor é louvor. Eu tenho que viver de tal forma que a minha vida seja uma forma de louvor a Deus, independente de música, e se eu me proponho a tratar das coisas do Senhor ligadas à música, tenho que tratar de música como música, estudar, preparar, crescer, desenvolver o dom, o talento que Deus deu. Se cantando, existem cursos de técnica vocal para preparar a pessoa, se ela já tem tendência, vocação, se já tem uma inclinação para isso. Se instrumento, regência, não importa, se é ligado à música temos que nos preparar para oferecer a Deus sempre o melhor.

A gente não pode descartar nem uma coisa nem outra porque elas não são excludentes, ou seja, se é música é música, se é louvor é louvor, mas se eu me proponho a apresentar música para o louvor de Deus, devo juntar as duas coisas, técnica e unção, arte e júbilo, saber fazer e fazê-lo com o coração cheio de alegria e gozo na presença do Senhor. Quando eu falo de zelo nas coisas de Deus são coisas muito sérias; relacionadas com o que a gente apresenta ao mundo pode-se ver e enxergar a música que apresentamos em louvor a Deus. Deixe-me dar alguns exemplos.

Eu já fui celebrar cultos em alguns lugares que não vou citar os nomes, mas vou contar os milagres. Chegamos em um determinado lugar, era um evento, sai um grupo de uma igreja e vai preparar uma cerimônia, um ambiente onde o culto será apresentado. As caixas não são da melhor qualidade, é o que se pode comprar, os microfones, alguns deles, só com a graça de Deus, a gente chega perto e já toma um susto. Cabos defeituosos, antigos, já sem contato, com uma série de defeitos técnicos visíveis antes mesmo que comece tudo. Quando começa o culto, o momento da música, vêm as famosas microfônias, estala aqui, estoura ali, não funciona, mal contato. Aí o grupo de intercessão sai e diz: "Vamos orar para repreender Satanás".

É claro que toda intenção de atrapalhar a gente joga sobre ele, porque ele é capeta mesmo, mas em alguns lugares ele nem tem trabalho porque a visão está errada. Pobre de quem cuida dessas coisas, já se encarrega deste serviço e cuida das coisas do Senhor. Em qualquer show de banda mundana, profana, tudo funciona, os cabos e plugs funcionam, o som é equilibrado, tudo no lugar. Mas nas coisas do Senhor são feitos assim, nos eventos evangelísticos, nas igrejas; vejamos a sonorização em muitas das igrejas, é um dos grandes problemas, porque é feito tudo sem aparato e consulta técnicos, na improvisação e do jeito que dá, e mais, raramente há profissionais que cuidam disso nas igrejas. Geralmente, o som é muito alto, não é próprio para o ambiente.

Os templos projetados, na grande maioria, são salões compridos, difíceis de sonorizar e que, para fazê-lo, demanda dinheiro e aparato técnico. Raramente temos isso e, por não termos essa ligação com operação, inclusive muitos líderes nem sabem o que é isso, o som fica muito alto, não há graduação entre médio, grave e agudo, é estridente. Quem está na frente sofre muito pela posição das caixas de som. Aliás, abrindo parênteses rápido, a gente tem nesse preparo técnico das coisas do Senhor uma defasagem muito grande. Só como um exemplo: você vai ao Shopping Center, a uma loja, ali você sabe que vai deixar seu carro no estacionamento. Geralmente é um local climatizado, poltronas confortáveis, um lugar próprio como as salas de projeção, os cinemas, teatros, onde há aglomeração e as pessoas ficarão sentadas por um bom tempo. No Brasil, há uma história totalmente diferente. A igreja nunca abriu os olhos para isso, para receber pessoas geralmente é uma bancada muito imprópria e sonorização deficiente. A posição está mudando, hoje temos templos em semicírculos, ovais, onde as pessoas de qualquer lugar podem ver o pregador, mas a posição antigamente era sempre um olhando a nuca do outro, distante, o pastor vendo as pessoas distantes. Um ambiente realmente impróprio à música e a outras coisas relativas à arte. Para fechar parênteses, o zelo com as coisas do Senhor tem carecido muito nos nossos dias.

Eu fui pastor numa igreja e lembro que tínhamos instrumentos que nós chamávamos, no popular, que "dava pro gasto". Lembro-me que nós fizemos um evento, uma campanha e passamos uma vergonha porque o violão não dava certo, o plug não sei o quê e me deram a liberdade de tratar dessas coisas. Eu tive a seguinte idéia: chamei um grupo de fora, contratei um som de qualidade, fizemos um trabalho, tocamos, equalizamos, fizemos uma coisa chique, ensaiamos, preparamos as músicas e naquele seguinte evento apresentamos música unvida porque era gente crente, de Deus que estava ali envolvida em oração e cuidado, mas tinha um equipamento de qualidade. Ficou um negócio fino e depois a liderança da igreja chegou para mim e disse assim: "Olha que louvor, hein!" E eu respondi: "Esse louvor custa trinta mil reais". E depois dei as dicas e ali foi uma porta que se abriu, então me deram uma carta bege, quase branca. Eu procurei nas principais lojas, pesquisei e então equipamos a igreja com equipamentos, instrumentos que até hoje estão nessa igreja.

Uma música, instrumentos e toda a parte estrutural sendo de qualidade, trazem beleza e frescor naquilo que a gente produz. Como ilustração, se você tem um som de qualidade, não precisa colocá-lo aos extensores para que ele seja ouvido e compreendido. O bom som você põe numa frequência baixa e ele transmite as frequências necessárias, você ouve com suavidade e conforto, e tudo isso ajuda no ambiente que você vai produzir a música.

Pois bem, sou da década de 60, nasci em 63 na igreja evangélica e acompanhei esses passos musicais na igreja. Então, desde quando me entendo por gente, dos anos 70 para cá, não sei quantos de vocês acompanhavam o que vou dizer aqui. Há uma mudança a cada década que é percebida e é cíclica. Exemplo: nos anos 70 houve um avivamento musical no Brasil por conta de conjuntos, como eram chamados na época VPC (Vencedores por Cristo), "Jovens da Verdade", que se levantaram no Brasil com uma música diferente, uma proposta nova. Letras diferentes que impactaram a juventude brasileira que vinha sendo levada, invadida por aquelas ondas dos Rolling Stones. Nos anos 60 eu me lembro que o Juscelino Kubistchek trouxe, através desses jovens (VPC), uma banda diferente que não se cantava nas igrejas, letras do tipo: "Se eu fosse contar", "De vento em popa", falando com uma linguagem brasileira aos brasileiros, ritmos nacionais, falando ao povo brasileiro com instrumentos diversificados na nossa música.

Foi um escândalo geral em muitas igrejas, mas a juventude foi despertada e eu me lembro que encontrava muitos jovens nas praças apenas com violão tocando aquelas músicas: "Fale do Amor", coisas dessa ordem. Acampamentos em todo o país, congressos, encontros, seminários se espalharam, e a música foi sendo modificada no Brasil através daqueles conjuntos, principalmente estes dois que eu citei: Jovens da Verdade e VPC. Os anos 70 foram marcados por esse avivamento.

No começo dos anos 80 ainda houve uma inclinação para os grupos, aí veio o grupo "Elo de Jairo", Paulo César, que depois virou "Grupo Logos" e com a chegada deles, foi a era dos solos, duetos, trios, quartetos embalados pelo Logos e grupos similares que surgiram. Em meados e final dos anos 80 vieram as comunidades. Já era outra vertente musical, espalhando pelo Brasil um tipo de música que a igreja não cantava, que era a comunitária, o povo todo cantando e aqueles discos onde se ouvia a voz do dirigente e a voz da comunidade cantando. O Brasil inteiro passou a cantar as músicas da comunidade. Ademar e aquela equipe toda no começo dos anos 90. Foram anos marcados por esse mover. Depois disso vem os ministérios, que foram surgindo, igreja A, igreja B, foram crescendo e crescendo em todo o Brasil com

músicas próprias e uma peculiaridade nesse mover. A extensão das letras de começo dos anos 50 e 60 em que o Brasil cantava os hinos do hinário que eram música, várias delas, os hinos nacionais de outros países, hinos formais, os missionários trouxeram do interior do estado os chamados "corinhos", que por não haver transparência, retroprojeto, e nem facilidade de publicação de cancionários, se ensinava facilmente pequenos coros que as pessoas decoravam e cantavam. Daí vieram os corinhos.

Os anos 90 foram marcados por letras imensas, cânticos extensos, através dos ministérios. Finalmente vieram as bandas. As bandas invadiram e hoje há uma mistura muito grande. As letras são imensas, teologias diferentes e há uma ênfase na letra. Essas mudanças vêm e vão ao evangelicalismo brasileiro. Mas como comecei falando pela influência da música no evangelismo, nós precisamos tomar todo cuidado e critério nas músicas que a gente canta por sabermos, sem dúvida, que ela exerce poder para o bem ou para o mal. E aquilo que a gente ministra, serve e entrega à igreja tem que ser algo de muita responsabilidade.

Vou passar a comentar a segunda parte que é específica sobre a música na evangelização. Agora no presente, quero falar primeiramente sobre a música na igreja, depois fora dela ou fora das quatro paredes. Quando falo em música na igreja, estou referindo-me à oportunidade que a gente tem de usar a música para levar a Palavra de Deus às pessoas que vêm à igreja.

Quero compartilhar sobre a abordagem que trazemos para quem chega à igreja e recebe, de cara, a música que apresentamos, são visitantes, pessoas diversas que vão à igreja e tem-se na música um instrumento que vai abrir sua alma para ouvir a Palavra.

O primeiro aspecto que quero considerar é de I João 4, que fala da convocação de Deus para os verdadeiros adoradores que são os que adoram em espírito e em verdade. Um grupo de louvor que propõe levar a música evangélica, bíblica, a Palavra de Deus às pessoas que estão sentadas dentro do templo, sejam evangélicas ou visitantes, esse grupo que prepara a música, antes de fazê-lo tem que preparar a vida para transmitir aquilo que está cantando para as pessoas. Não apenas acordes, mas algo que flui de dentro. A música, nesse sentido, tem que ser um testemunho, uma experiência que deve vazar através das vidas que ali estão.

Como pastor, pregador e crente, eu sei, tenho testemunhado e observado que não há nada mais impactante que o testemunho de alguém que viu, experimentou e sentiu, e os apóstolos disseram isso. I João 1 foi argumento principal e o primeiro deles. Eles diziam: "O que nós vimos com nossos próprios olhos, nossos ouvidos ouviram, nós apalpamos, com respeito ao Verbo da Vida, isso mesmo testemunhamos a vós outros". E era exatamente essa familiaridade com as coisas do reino que faziam com que as mensagens que saíam das suas bocas tivessem tanto efeito.

Testemunho, isto é o que traz impacto, não apenas produzir uma música, porque se fosse apenas isso, sem a presença de Deus, sem a compreensão dessa vida plena, íntima caminhada com Deus, a gente poderia convidar e contratar a cada domingo um profissional muito mais qualificado, já habilitado há muitos anos para tocar e cantar as músicas da igreja. A gente dava as letras, eles aprenderiam e fariam uma música fantástica. Mas não é essa a idéia de Deus, os músicos recebem o talento do próprio Espírito Santo, vocação, inclinação e habilidades para isso. Treinam e apresentam isso como oferta e culto ao Senhor através de suas vidas, instrumento físico ou a própria voz, são a extensão de uma alma que conhece ao Senhor. E quando isso é passado para a congregação, vai vazar aquilo que a gente tem em espírito e em verdade.

Então, quando um cantor ou um dirigente do culto, da música está tocando, está ali para apresentar a igreja e aos visitantes que ali estão. Quando estão tocando e cantando, ali está vazando dos seus olhos, passando pela postura, tudo aquilo que ele tem dentro de si.

A Bíblia diz em Mateus 12 que a boca fala daquilo que o coração está cheio. Então, a equipe que trabalha com a música na igreja, em primeiro lugar tem que viver e experimentar aquilo que quer passar para as pessoas. Essa é a forma mais impactante de evangelizar através da música. É o impacto da experiência de quem vive. E ninguém vai ter que dar explicação de nada, simplesmente fala ao coração da pessoa.

O segundo aspecto é que essa música tem que preparar o solo, o terreno, o ambiente, desarmar corações e mentes. Este momento de música na igreja, com intenção evangelizadora, tem que ser com esse propósito, de arar o solo para que a semente então venha.

Eu tenho ouvido tantos testemunhos de pessoas que chegam à igreja ou vão a eventos porque foram convidados, pois já foram tão importunados por quem convidou que dizem: "eu não tenho jeito, vou lá para desfazer aquele laço." Então vai a uma igreja sem a intenção de

adorar, de ouvir nada. Algumas pessoas vão assim, outras vão com a intenção de ouvir uma palavra que lhe traga uma resposta, mas o coração está trancado, travado pelos problemas, tantas coisas, e de repente, uma música, a letra de uma canção, uma melodia usada pelo Espírito, vai arando aquele solo, a pessoa se vê envolvida.

Já vi tantas vezes alguém chegar com o semblante carregado e os acordes sendo dedilhados, a voz, o grupo cantando, a presença de Deus ali, verdadeira, uma canção daquelas que marcam uma geração, e eu ministrando e dirigindo, particularmente me sinto instrumento sabendo que sou um instrumento de Deus, e ao ver no semblante das pessoas as mudanças sendo ocorridas, o quebrantamento, a pessoa chorando, pessoas que chegaram fechadas, trancadas, se abrindo, é obra de Deus pois Ele está ali.

A música tem que ser esse instrumento de preparação para que a mensagem venha e chegue ao coração, tem que preparar o solo. Primeiro é o testemunho, a pessoa tem que ter experiência de vida para estar ali. Altar de Deus não é brincadeira, o nome já diz: altar, é lugar de adoradores.

Segundo, é essa preparação do terreno. Terceiro, essas canções precisam ter uma aplicação prática, um propósito, de preferência têm que ser composições próprias, não digo somente música daquele grupo ou igreja, mas é curioso pois Deus dá habilidades e dons diversos a todo o corpo. Mas porque, em muitas igrejas e comunidades, são cantadas só músicas de outros ministérios, de outras pessoas? Deus não dá música para aquelas igrejas, pra ninguém? Cânticos espirituais, naquele momento de comunhão, intimidade, de devocional na presença de Deus vêm canções maravilhosas!

Porque nós cantamos apenas músicas de outras pessoas? Eu tenho dito isso, com todo respeito e admiração, são modelos os que estão na Bíblia, profetas, reis, sacerdotes, apóstolos, discípulos, servos, são modelos. A Bíblia fala, em Hebreus 12, que é uma nuvem de testemunhas que inspiram nossa vida. Eu, Itamar Santana Bezerra, não vou ficar e viver em função deles. Eles são modelos, mas agora é minha vez, é a nossa vez de testemunhar. Deus falou a eles e fala conosco hoje, ministra ao nosso coração e nos dá canções, mensagens e salmos. Salmodiai, é uma ordem. Efésios 5 fala, da mesma forma, que devemos falar sempre com cânticos, salmos e ele nos dá salmos, textos, poesias, é a nossa experiência que vem através da comunhão. Deus vai dando à igreja a habilidade de músicos que são treinados para isso, para que a congregação cante aquilo que lhe é peculiar, que é experiência própria; isso traz vida.

Só para finalizar esse item: às vezes a congregação está cantando algo que não tem nada a ver com ela, é uma música muito bonita, que foi a experiência de um líder de outro grupo, mas inclusive a letra, partes da música não têm contextos aplicáveis naquela comunidade, precisamos buscar para nós, para o ambiente que está sendo evangelizado tudo que é contextualizável, que vai ter um propósito, que vai alcançar e falar ao coração das pessoas. Isso é o que eu chamo de composição própria, ainda que seja de uma outra pessoa, mas tenha ligação com aquele momento.

Eu nunca vou me esquecer de uma visita que recebi em casa, faz alguns anos, eram dois rapazes da igreja, eles foram a um encontro de motos, e na volta quase se acidentaram, tiveram um livramento de Deus. Eles chegaram em casa com os olhos imensos e disseram: "Pastor, a gente veio aqui para dar graças a Deus, queremos uma oração para agradecer ao Senhor". Nos reunimos na sala, peguei o violão e depois do momento de oração, eles estavam emocionados, queriam agradecer a Deus, cantaram a estrofe de um hino e um cântico da época: "Leva tu contigo o nome de Jesus o Salvador...", aquela letra era verdade na boca deles, e cantamos depois: "quem pode livrar como o Senhor? Ele é poderoso pra nos guardar"; era uma verdade para eles. A letra não foi composta por eles, mas tinha tudo a ver com o momento que estavam experimentando. Ali era um louvor que fluía, não era só música, havia um envolvimento.

A música na evangelização, fora das quatro paredes, indo ao encontro das pessoas que não estão no templo. Isso para mim fala de discernimento, sabedoria, do contexto da pessoa que vai receber aquela música. Fala de ritmos e sons, de uma aplicação própria, ou seja, a gente está lidando com pessoas que não têm os mesmos valores que nós, pelo contrário, o tipo de música que eles ouvem é diferente, e estamos propondo algo novo. Temos que ter sabedoria para alcançar as pessoas. Eu presenciei uma cena, era um trabalho evangelístico, com um grupo musical numa praça. Alugaram um caminhão, baixaram as grades e ele se tornou um palco, levaram caixas de som, etc. Oito horas da noite na sexta feira, ninguém na praça, algumas pessoas passando apressadas, certamente depois de um dia exaustivo, e eles cantando algumas músicas, que a gente chama de igrejeiras, falando a ninguém. Falta de sabedoria e

discernimento. Os passos de Jesus nos levam a esse entendimento, Ele sabia onde estava falando, um lugar estratégico e a forma certa. É por essa razão que tudo aconteceu em Jerusalém, e há um texto curioso em Atos: "Em Jerusalém habitavam naqueles dias..." E vem uma lista imensa de vários moradores do mundo antigo. Era o point, o centro das atenções, por isso Deus fez acontecer ali, porque aí veio a diáspora; era um lugar estratégico. Deus sabia o que estava fazendo, não foi no deserto, foi no centro para que se espalhasse. Isso se chama discernimento e sabedoria.

Se vou evangelizar pessoas de idade avançada, há uma música que as alcança, deve ter ambiente próprio para isso. Temos que ter estratégias para alcançar as pessoas. Em congresso de outras igrejas precisamos saber que tipo de música é tocada ali, que as pessoas costumam ouvir, porque podemos falar as mesmas coisas de diversas maneiras, e em termos musicais você pode pegar uma música e escolher o ritmo com a mesma mensagem. Por exemplo, a música com a letra de Isaías, capítulo 6: "Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos, toda terra, está cheia da sua glória". Eu conheço essa música super lenta, melodiosa, melancólica, sambas, salsas, com a mesma letra, só muda a abordagem dela pra quem a gente vai evangelizar. É uma aplicação de contexto. A música tem que ser um instrumento que a gente toca de acordo com o ambiente onde vai ser apresentada a mensagem.

Para finalizar, quero comentar sobre evangelizar com música, fazendo um diferencial sobre o romantismo e o plano da salvação com a abordagem moderna, da música através das bandas e de música gospel. Há muito romantismo na letra e na abordagem e pouco sobre Bíblia, plano de salvação; está ficando difícil apresentar o evangelho puro e santo somente através dessas canções. Deixe-me dizer porque. Há uma abordagem evangelística comprometida pelo esvaziamento do conteúdo, por parte de muitos líderes evangélicos e superficialização dos valores e conceitos bíblicos. Mas percebe-se claramente quais são os cultos, reuniões que dão ibope, mais freqüentadas na igreja, não são as de estudos bíblicos, de doutrina séria, e sim as de curas, milagres e aquelas em que as mensagens têm mais neurolinguística do que a Bíblia sagrada. Aquelas em que as pessoas têm que se sentir à vontade, confortáveis e nunca confrontadas.

As comunidades e grupos religiosos que mais crescem são aquelas que têm como perfil uma mensagem pouco desafiadora, que não se fala em pecado, arrependimento, nem confissão, e isso vai sendo projetado e percebido em todo tipo de manifestação, seja literária, nos boletins, livros e nas músicas. E aí está a sociedade bíblica e outros institutos que divulgam a Bíblia, desesperados, fazendo todo tipo de arranjo para que as pessoas leiam-na. Tem a Bíblia cor de rosa, roxa, azul, de todo formato e tamanho, para o adolescente, para mulheres, Bíblia on-line, em disquete, ilustrada para despertar o interesse das pessoas em ler hoje o famoso livro da capa preta, que nunca teve novidades e é sempre a mesma Bíblia. As pessoas não têm o hábito ou a oportunidade, não gastam mais tempo em ler, tudo está pronto, preparado para ser lançado para as pessoas.

Com isso, tem-se um esvaziamento e uma superficialização das coisas, encontrando isso na música. Letras pobres, que você poderia simplesmente tirar o nome de Jesus e colocar o nome da sua esposa, sua noiva, namorada e não faria nenhuma diferença. É uma música mais romântica, com a melodia arranjada e bonita para simplesmente emocionar as pessoas.

Faço esse desafio, e coloco-me em desafio também. Você compra um disco, põe para tocar e se não tiver cuidado e atenção, nem sabe se mudou de faixa, porque os arranjos são parecidos, comuns, falta critério, zelo, trabalho. Esse tipo de músicas trabalhadas em arranjo, em oração, que têm aquele conjunto todo, não dá ibope, não vende. Assim como livros teológicos, doutrinários, analíticos, também não dão ibope. Quem mais vende hoje, são os livros de auto-ajuda, isso se reflete também na música.

Eu creio que para evangelizar precisamos rever as nossas músicas, quem sabe até aquelas revisões criteriosas nas transparências das igrejas. Erros grosseiros e infantis que as pessoas têm. Precisamos rever nossa música se quisermos evangelizar.

* Elierder Marques (Seminarista) - Eu gostaria de saber porque o senhor falou sobre músicos poderem ser contratados para a ministração do louvor, isso tem acontecido dentro de algumas igrejas hoje, principalmente em gravação de CDs. Uma igreja chegou a contratar o Chiquinho, do sexteto do Jô Soares, para poder tocar em uma das gravações do Cd, e ele não tem compromisso com Deus, com o evangelho, o compromisso dele, é com ele mesmo. Como ficamos numa posição dessas? Como devemos nos portar biblicamente? O que fazer diante disso?

Biblicamente, o que encontramos como referência é a postura dos levitas, que a gente não pode copiar teologicamente o modelo, mas sim o princípio; eles eram consagrados ao Senhor, e Deus sabia o que estava fazendo. O Espírito Santo os usava para esse fim, eles eram hábeis, e os usavam exclusivamente para as coisas do Senhor. Isso a Bíblia não deixa dúvidas, quem cuida das coisas do Senhor tem que ter exclusividade. Agora, o que fazer com relação a isso, que eu oriento quando tenho oportunidade, é que a liderança precisa abrir os olhos para investir nos seus músicos. É raro você encontrar uma igreja que tem um músico ou ministro de música contratado, pago pela igreja, com ministério exclusivo para isso. Então, o ideal é que a equipe que cuida da música tenha investimento, porque se você o faz pode cobrar responsabilidade, acompanhar e ver os frutos, para que não tenhamos que estar cobrando e trazendo gente de fora, que não tem nada a ver com o Senhor, para pegar nos instrumentos sagrados e tocar, realmente não faz sentido. Terminando a parte de música, sai e vai conversar com a namorada lá fora; fruto deste descompromisso com as coisas de Deus, não faz sentido, eu sou contra, mesmo em gravação de Cd's, nós temos músicos evangélicos excepcionais, gente que anda com Deus e que toca tudo. O que acontece é que a visão é fechada e limitada, especialmente nessa parte de investimento, a pessoa escolhe um caminho mais curto, às vezes por uma amizade com um músico destes. Ou encontra uma janela aberta e prefere trazer alguém que não tem conhecimento, que não tem nada a ver com o Senhor, do que dar uma oferta e pagar alguém que tenha habilidades semelhantes e que ande com Deus. Eu sou contra e creio que o caminho para a gente sanar isso é o pastor e a liderança da igreja, juntar essas pessoas e ver se realmente andam com Deus, treiná-los, acompanhá-los, discipliná-los e investir na vida deles.

* Francisco Vilhalma (Seminarista) - A minha pergunta é em relação a uma música que nosso grupo de louvor canta, não em relação propriamente aos erros gramaticais, mas a um erro teológico que notamos. Eu queria saber qual é a atitude do líder para com isso, o que ele deve fazer e como proceder para corrigir, ou mesmo ajudar a pessoa a entender melhor? Como proceder com as letras que não são nossas e têm um autor responsável?

Eu entendo e pratico o seguinte princípio: a liturgia e teologia da igreja são competências do pastor, ele tem que zelar por ela. Então, toda essa questão de correção e revisão (não só de português, mas teológica também), quando a música tem os direitos autorais e ainda não se tornou domínio público, ela tem um autor e ele deve ser consultado, isso é uma questão de ética. Se o autor tem razões próprias e não aceita, não concorda com a mudança, não cantamos aquela música, cantamos outra que tenha a mesma mensagem; como eu falei tem música para todo gosto com a mesma mensagem. Outros autores não se importam com isso. Eu prezo pela questão da ética porque componho muitas músicas e tenho algumas gravadas. Já ouvi músicas gravadas e não se põe o nome do autor, não quero dizer que seja sempre de propósito, mas a pessoa grava 12 músicas, 8 são dela e 4 não são, mas ela não põe de quem são e no final diz: "Essas músicas vieram num momento de muita intimidade com Deus", ou seja, as outras entram como se fossem dela, é uma falta de ética e honestidade. Então tem músicas que não cantamos porque há erros teológicos, outras porque o autor não concorda com a mudança pois ele tem outro entendimento, mas quando há concordância, acho que é dever do ministro, do pastor, do líder fazer essas revisões ortográficas, de regência.

Tem a licença poética, mas há um limite, porque às vezes a pessoa toma esse instrumento, tem um erro gravíssimo e diz que é licença poética, quando na verdade não é. É dever do pastor corrigir e instruir a igreja em relação a isso. Às vezes é uma diferença que é só questão de opinião, não um erro, mas as pessoas não entendem. Deixe-me dar um exemplo: O Brasil inteiro canta a música do Pr. Daniel de Souza: "Recebi um novo coração do Pai, coração regenerado, coração transformado...", quem conhece o Pr. Daniel sabe que é um homem de Deus, santo e piedoso, suas canções, além de ter melodia bonita, têm textos bíblicos precisos, mas já ouvi igrejas que não cantam a parte que fala: "uma família sem qualquer falsidade, dizendo a verdade, expressando a glória do Senhor", ele esteve na nossa igreja e disse que não se importa contanto que continue bíblico, palavras dele. Algumas igrejas mudaram e cantam: "uma família vencendo a falsidade", em vez de sem qualquer falsidade, que é uma utopia. Jesus conviveu com a falsidade, e eram só doze, ele disse que seria assim, e sabemos que é assim. Então, é uma visão. Ele foi envolvido pela canção, é o que estava no coração dele, não é que seja mesmo um erro teológico ou uma opinião, mas a gente também tem a liberdade, se ele abrir espaço para mudar isso. Finalizando esta resposta, é necessário preservar o princípio ético se a canção tem autor vivo. Se for uma canção registrada, procurar saber e fazer com paz de

consciência, se é uma canção de domínio próprio, o pastor tem responsabilidade e pode alterar, porque não há problemas em relação a isso, contanto que não se altere a melodia, porque é um registro público, por isso se tornou uma canção pública, é por isso que tem hinos com várias mudanças de letra, por serem públicas.

* João Paulo (Seminarista) - Nas igrejas, principalmente tradicionais, há um certo preconceito em relação a ritmos e instrumentos. Como fica isso? Como fazemos nós que trabalhamos com Maracatu, rock, salsa e outros ritmos dentro da igreja?

Pessoalmente, entendo que Satanás não é dono de nada, ele usurpa as coisas, toda arte, beleza, perfeição são sinais e sintomas daquilo que Deus produziu. Satanás só vem desvirtuar, distorcer. Então, não tem ritmo nem instrumento que é do diabo, como em décadas atrás falavam. O piano era de bordel, o violão usado pela boemia, a bateria, guitarras elétricas, nem se fala! Atribuaques, instrumentos de percussão, **changô**, instrumento de igreja era órgão, isso passou e a maioria das igrejas já recebe e acolhe esses instrumentos. Salvo algumas outras. Curiosamente, fui pregar numa igreja que, por razões óbvias, não entra bateria nem outros instrumentos, só órgão, mas várias pessoas fizeram solos durante o culto cantando com Playback, e nele havia bateria e tudo mais, só não era visível, não faz sentido. Então, tudo que temos para ser instrumento de música, mesmo que seja uma chave batendo no bolso ou uma caixa de fósforos, todo som que é produzido para a glória de Deus, devemos fazê-lo sempre. Os ritmos, maracatus, etc, às vezes é estranho, há outra cultura e respeitamos essa questão, mas não tem nada a ver. Por exemplo, o Pr. Ronaldo Lidório, missionário reconhecido em todo o Brasil, esteve em nossa igreja ano passado e falou muitas coisas, ouvi uma fita de um culto "Konkomba". O culto demorava de seis a dez horas, rapidinho assim, e o tipo de som produzido para louvor de Deus é com tambores, a grande maioria são palmas, batidas de pés, troncos e tambores diversos. Um som muito parecido com os que são executados em terreiros de candomblé e macumba, porque foram trazidos da cultura afro, os irmãos sabem disso, para eles é absolutamente normal, embora seja tocado também nos rituais de consagração maligna. Mas aqueles crentes tocam os instrumentos que eles têm, não é escândalo algum, não há associação, é uma questão cultural. No Brasil já se quebrou muito isso, mas ainda há. Creio que o princípio é o respeito, que Paulo ensina aos romanos, por exemplo, a questão da fé dos mais novos, do respeito, mas eu não tenho dúvidas: ritmos e instrumentos são de Deus, o Salmo 150 fala sobre isso, dança e tudo mais, com ordem e decência.

* André Aramys (Seminarista) - O tema da palestra foi Música na Evangelização e sabemos que a igreja foi separada para proclamar as boas novas do evangelho, e a música tem sido grande instrumento para esta proclamação. Como foi dito, há uma distinção entre música e louvor, arte e unção, poesia e consagração. Eu entendo que isso é um fator muito importante para a proclamação, entretanto, penso que é algo preocupante, uma vez que surge a pergunta: É o louvor que liberta, ou o liberto que louva?

Creio que são as duas coisas, porque temos na Bíblia exemplos claros de momentos em que o louvor foi instrumento de libertação como no caso de Davi e Saul, que ele tangia sua harpa e o espírito deixava Saul. E momentos em que o louvor era instrumento de guerra, momentos de Paulo e Silas cantando na prisão. No nosso cotidiano, na nossa experiência cristã, o louvor tem sido também um instrumento de libertação interior de sentimentos, emoções, de momentos que a gente não está pronto ou preparado, há barreiras diversas e uma música, num determinado momento de cântico, liberta nossa alma. Isso a gente não tem dúvida, está na Palavra, mas também o liberto que louva, por causa da experiência do novo nascimento, é mais ou menos isso. Em Hebreus 13, diz que o louvor é fruto de lábios que conhecem ao Senhor. Salmo 142, Davi diz: "tira a minh'alma do cárcere para que eu louve o teu nome". É exatamente essa experiência, a alma curada, liberta, salva encontra motivos e razões de sobra para louvar. Então, são as duas coisas.

Dentro da igreja, a experiência com o ministério de louvor é algo curioso, porque houve sensibilidade da parte do ministro e a pessoa está com problemas, às vezes até com a liderança, vai lá para frente, irônica e sarcasticamente, e começa a declarar coisas que não batem com a sua própria vida. É curioso que tenha sido em cima da hora de começar, isso pode ser tomado como uma experiência para a posteridade, a fim de que o ministério se arrume. Tenho dito isso para aqueles que lideram música e aonde tenho oportunidade: Não deixem nada pendente.

Para finalizar, tem um detalhe que faço questão de enfatizar. O líder só é líder porque preenche alguns requisitos do que Deus lhe deu dentro das habilidades naturais, espirituais e

pelo reconhecimento da comunidade é que ele está à frente conduzindo, então, não se pode esperar de um líder o que a gente tolera nos novos convertidos, novos na fé, se a pessoa está num posto de liderança esperamos que ele tenha maturidade, posturas diferentes, maduras e seguras, porque ninguém segue o inseguro, só seguimos quem tem segurança, seja conduzindo música ou na própria postura de vida. Só mais um exemplo. Eu não sei o que aconteceu, mas vou tomar o exemplo para dar minha opinião sobre casos semelhantes. Se aconteceu um atrito momentos antes, ele poderia resolver ali, se era uma questão pessoal de perdão, deveria perdoar, reunir, orar naquele momento e resolver; se não era ele o problema, como líder, ele deveria assumir seu posto e cantar, nem que fosse à capela, ou chamar alguém para tocar, mas não ficar um vácuo sem saber o porquê. Se aconteceu momentos antes e foi alguém que estava com problemas, algo que aconteceu entre duas pessoas do grupo, poderia até suspendê-los preventivamente, deixá-los numa sala orando, mas pegar o restante do grupo e cantar, ou ele mesmo sozinho; se for ele o problema, como um líder maduro e conhecedor da vontade de Deus, deveria no momento, cair de joelhos e pedir perdão ao Senhor e se levantar, ministrar e fazer o papel dele. O líder tem que responder sempre. Ele é responsável. Por isso ele é líder.

* André Barros (Seminarista) - A palestra falou sobre evangelização utilizando a música de maneira contextualizada. Pensando numa situação hipotética, mas real, de um grupo de jovens de uma igreja que vai à praça e faz uma evangelização musical contextualizada, usa outros ritmos; mas nesta igreja, aos domingos, se canta hinos tocados no órgão. A colocação que faço é: não estamos fazendo uma falsa propaganda daquilo que aconteceria dentro da igreja? Isso nos leva a pensar o seguinte: uma evangelização contextualizada exige diálogo ou uma estrutura dentro da igreja para se evitar problemas ou choques desse tipo?

Eu escrevi um livro chamado "Histórias de pescador para pescadores de almas", publicado recentemente, onde abordo uma analogia no livro inteiro, porque pego as formas de pescar e aplico para a pescaria de gente, eu comento exatamente sobre isso. Na minha visão, creio que a estratégia evangelística mais impactante é a igreja que vive o evangelho em sua forma mais simples, uma igreja amorosa, calorosa. A ilustração que uso é a seguinte: alguém vai para uma praça e canta que a alegria está no coração de quem já conhece a Jesus, a verdadeira paz só tem aquele que já conhece a Jesus, então convida a pessoa para ir à igreja. No dia que ela vai, o pastor está dando um sabão na igreja, ninguém se entende, um não se fala com o outro, rosto fechado. A pessoa entra, sai e ninguém fala com ela, algo distante. A alegria não está nem no coração e nem no rosto, então a pessoa faz a seguinte associação: "Aquilo lá não é sério ou estou no lugar errado". Ou acontece o contrário, um grupo da igreja está evangelizando e nem faz um trabalho específico desse, só distribui um folheto, faz um convite, ou no próprio trabalho da pessoa, ela não consegue esconder a felicidade, a satisfação e o desejo de que aquele seu colega de trabalho vá conhecer sua igreja. A coisa é espontânea, e a pessoa então vê que tem algo diferente e vai à igreja, quando chega, alguém já a cumprimenta, pergunta o nome, abre um sorriso e, quando senta no banco, sente que há uma presença ali, um mover diferente, então, quer dizer que há um ambiente e uma palavra, a palavra tem a ver com o ambiente. Eu creio que um contexto curado é a forma mais específica, efetiva e eloqüente de se evangelizar.

Mas quando acontece isso que você propôs de uma igreja ter uma visão fechada e ser muito tradicional, não abre espaço para uma música com ritmo brasileiro, um samba ou pagode e, de repente, um grupo sai para evangelizar nesses moldes e convida alguém para vir à igreja, primeiro penso o seguinte: uma igreja que mantém esse formato tradicional onde não se pode cantar isso, já é estranho ter esse grupo com a liberdade de sair para evangelizar assim. Mas se há espaço para fazê-lo, creio que deve ter um trabalho específico onde acolha essas pessoas. Se é um trabalho que a mocidade fez, então convida essas pessoas para a mocidade, para ter um envolvimento com eles. Porque eu acho estranho esse distanciamento tão grande da realidade da igreja e de um grupo que toca um pagode, samba, axé, convidar essas pessoas para a igreja, porque realmente é um impacto que não tem nada a ver. Eu creio que a liderança da igreja, por mais quadrada que seja, nesse sentido formal, tradicionalista, não tem como negar a realidade presente hoje que carece, clama por uma abertura maior. Olhos abertos, o mundo mudou, as pessoas hoje são outras, tem outras necessidades, não podemos cantar as mesmas músicas só porque Calvino e Lutero cantaram. Quando Deus é dinâmico, as coisas são dinâmicas.

Agora, se a igreja ainda vive isso, o grupo tem que ter um critério para não entrar em choque com a sua liderança que não enxerga, que não entende. Você pode fazer a mesma coisa, pode entregar a mesma mensagem de diversas maneiras. Esse grupo de que eu falei,

recentemente fez um trabalho numa praça, tem um ambiente, rampa de skate, é um lugar para a galera se reunir. Aí você chega à noite, principalmente no final de semana, tem aquela turma de preto com corrente amarrada pra tudo quanto é lado e piercing de toda ordem, tem um grupo da igreja que é essa turma que usa uma linguagem mais solta, com gírias. Mas eu como pastor deles digo pra vocês, é gente crente! Gente de oração, jejum, vigília, que fala com Deus de um jeito que eu não falo, mas é a experiência deles. Esse grupo curiosamente vai no trabalho de evangelização das senhoras, dos adultos, e a gente cantando "Santo, Santo, Santo" e eles lá cantando junto com a gente. Mas vão também lá naquela galera cantando Oficina G3 o tempo inteiro e vão pregar, abrem a Bíblia para aquela galera de corrente e piercing, eles mesmos dão testemunho, e os adultos lá com eles, há uma interação, os adultos não falam nada, não cantam porque não conhecem as letras das músicas, mas estão lá e dão testemunho, se emocionam, choram, fazem apelo, oram com eles, oração com gíria e tudo, é diferente, mas no nosso caso não há esse distanciamento; quando há, acho que tem que ter essa prudência, respeito mútuo e fazer um trabalho de acordo com o ambiente da igreja.

* Márcio Alves (Seminarista) - Gostaria de saber sua opinião em relação à música em congregação. Eu trabalho em uma que não tem muitos recursos. Como trabalhar com esse louvor? Devo dar alguma orientação para que busquem acompanhamento profissional, uma vez que os recursos são pequenos? Como é que eu faço?

Onde não há instrumentos a gente faz o que dá. Não só na questão da música, mas em qualquer outra área. Por exemplo: é uma congregação iniciante, ponto de pregação, um trabalho missionário, e a gente ainda não tem representantes de diversos ministérios e dons. Obviamente, o líder e pessoas que vão crescendo, vão sendo usadas pelo próprio Espírito de Deus para suprir tais necessidades espirituais de dons diversos que vão surgir futuramente em novas pessoas, e depois, quando for uma igreja, vão ter dons de toda natureza. No caso da música, se não tem, faz com o que tem, canta à capela, se o dirigente não canta à capela, ele tem outros recursos, deixe-me dar um exemplo. Eu fui pregar num ponto de pregação, com toda alegria e os irmãos ministraram o louvor, eu achei fantástico porque eles têm o som, era o som da casa que sustentava o ponto de pregação. O louvor deles era assim: colocavam o disco e cantavam junto, num outro momento era um playback e o povo ia aprendendo, eles cantavam assim mesmo, usavam esse recurso. Em outros lugares era à capela, às vezes o dirigente toca um violão, ou outro instrumento, a gente faz o que dá, mas como é um trabalho iniciante e a música faz diferença, eu acho que a função do líder é buscar orientação de Deus, orar e pedir para que Deus mande músicos para auxiliar naquela área, ou então, se é uma congregação, tem a igreja sede, ou um presbitério, faz uma aliança, pede apoio, um auxílio para que se designe alguém para ajudar no trabalho ali. Se a igreja não pode enviar alguém, quem sabe uma outra igreja irmã que tenha músicos se acotovelando por espaço. Pede para ceder, para em um trabalho ou outro ir ensinar alguém a tocar um instrumento. Tem sempre uma forma da gente buscar solução para isso. Deus me deu facilidade de tocar alguns instrumentos, violão, teclado, o que tiver dou o meu jeito. Cheguei num lugar e não tinha nada, então perguntei:

- Irmão, não tem nenhum instrumento para tocar aqui?
- O vizinho tem uma sanfona.
- Traga lá.

A gente tem que se virar e fazer aquilo que dá, a música é muito importante e faz parte do culto de louvor a Deus. Então, se é um trabalho iniciante, está no projeto da congregação e da igreja uma música estruturada, começa do zero mesmo. A gente vai fazer um seminário de música em Feira da Santana, um sobre música abordando aspectos gerais, depois tem oficinas com cada instrumento, então estou levando a banda, que é um grupo que me acompanha, o baterista dá o seminário para quem tiver bateria, ele fala sobre seu instrumento, o guitarrista também, e assim vão se formando dirigentes de louvor. Depois, no plenário, temos um tipo de mostragem, que é um exercício, treinamento que a gente ministra, um período de cânticos, como regular instrumentos, como orquestrar, é outro tipo de abordagem. Geralmente nos grupos de louvor todo mundo toca ao mesmo tempo. Na verdade não é isso, orquestração traz essa noção, tem música que é só no teclado que a gente toca, outra, só no violão, outras que é mais bateria e baixo, às vezes à capela seria melhor que com instrumento, ter um acorde ou outro, ou como numa orquestra que se espera o sino tocar. Num único momento, "TIM", faz toda a diferença, então fazemos um seminário assim para abençoar os ministérios. O ideal é promover um treinamento e, se houver uma necessidade mais específica, aí sim, como uma congregação, às vezes não tem recursos para isso, mas pode solicitar do presbitério, mostrando

a necessidade do campo, ou até mesmo os próprios músicos interessados pagarem seus próprios cursos. Mas com orientação e trazer um crescimento para eles nessa hora.

* Ricardo Pegoraro (Seminarista) - Na igreja que freqüento tenho trabalhado com um grupo de teatro e um grupo de música que toca Oficina G3 e Resgate. Gostaria de saber como preparar um evento, a montagem de uma programação, que fosse bem elaborado. Como poderia ser feito um evento evangelístico usando a música e o teatro?

O segredo de qualquer evento é a divulgação correta e ampla do que se pretende fazer. Na divulgação, quem trabalha com marketing sabe que toda divulgação tem que ter um propósito bem definido, claro e que seja atraente. É um jogo de marketing. Se você definiu um perfil das pessoas que você pretende alcançar, como você falou do Oficina G3, então é pra galera, e é em cima desse grupo que você vai fazer o marketing. Se vocês vão reunir muita gente, então têm que oferecer algo. Isso é estratégia de marketing, eu não sou a pessoa apropriada para falar. Mas o segredo é a divulgação apropriada e correta para o público que você quer falar. Do ponto de vista de preparação, se vocês estabeleceram alvos, perfis, já sonharam com o evento, vocês tem que ter o evento pronto na cabeça, ter tudo no lugar, as possíveis falhas já resolvidas, tudo previamente estabelecido. Se você tem um grupo de coreografia, coloque alguém que entenda para cuidar dessa parte, se é um grupo musical, ponha na mão de quem possa treinar e cobrá-los exaustivamente, porque ainda nos falta essa cultura de excelência, quando esta ficando bonzinho, dizemos que ficou jóia. Quando essas pessoas participam de um ensaio profissional, que busca excelência, elas ficam assustadas pelo empenho, que não deixa passar nem um erro, um pequeno detalhe. Parece que ninguém vai ver. É uma coisa fina que depois de pronta é que a gente vê o resultado. Essa cultura do mais ou menos temos que perder. Então coloca na mão de alguém e estabeleça alvos e metas, pra fazer uma coisa bem feita. A sonorização de um evento é importante, então contrate um som bom, ainda que custe um pouco mais, faça uma coisa que marque, porque num próximo evento você já terá repercussão, se fizer um que queime a idéia, perde o que vocês iam fazer.

Separe um grupo da igreja para apoiar, interceder, estar por trás durante toda programação, e também no dia, porque música para o Senhor é guerra, pois Satanás era líder de música no céu. Ezequiel 28 fala sobre isso, ele cuidava da música, conhece os caminhos, essa é a área em que ele é mais profissional, isso que o deixou vaidoso, o fez querer o lugar para si. E é essa área que mexe com os músicos, a vaidade pessoal, então tem que ter critério, responsabilidade, tem que ter alguém isento, neutro para cuidar disso. É fria você deixar que cada um regule seu instrumento, tem que ter alguém para cuidar disso, para responder pelo som, para equalizar, equilibrar, deixar tudo pronto, e ter alguém para controlar a mesa de som. Se quisermos fazer um evento de nível elevado, com excelência, tem que elaborar todos os detalhes, e às vezes é caro, e as pessoas não pagam por isso. Então eu digo para você, procure alguém da área de marketing, que seja hábil para elaborar um projeto para que vocês possam alcançar o que querem, e separe por áreas a preparação, responsabilize pessoas hábeis para cuidar dessas áreas, faça vários ensaios, e depois quando já estiver fino, apresente o projeto, porque senão vocês queimam a idéia, as próprias pessoas que participaram do trabalho desanimam e vocês se frustram.

* Ricardo Soares de Matos (Seminarista) - Eu gostaria de saber qual o conselho que o senhor daria para jovens pastores, ou que estão assumindo igrejas que tem uma tradição maior, e há um choque com um culto diferente, com o uso da música contemporânea, de vários instrumentos e a participação maior de jovens da igreja?

Eu quero comentar dois aspectos dessa pergunta. Estive no seminário do norte, quando fiz o meu curso de teologia, e me convidaram para pregar, como eu conheço seminarista, disse para um deles: "meu filho, feche essa porta", falei para que eles guardassem os caderninhos (porque sei que eles anotam tudo) porque ia falar algo diferente, com três pontos. Fechei a Bíblia e comecei a conversar com eles, acho que eles pensaram que eu ia falar de teologia, para depois me criticarem, pois eu sei como funciona. Então comecei: primeiro ponto, estudem e pesquisem bem a mulher com quem vão se casar, vocês não têm idéia do valor da companhia neste ministério, e mostrei para eles os dois lados, de quando dá certo e de quando não dá, de como pode ser benção e desastre. Segundo ponto: aprenda a tocar um instrumento para você não ficar escravo nem refém dos músicos da igreja. Pastores são reféns, não sabem mexer em nenhum botão, aprenda porque isso é vertente nova e entrando na sua pergunta, objetivamente, o ministro é jovem, está começando o seu pastorado, e a igreja tem um vício,

igrejas mais antigas têm um padrão musical já estabelecido, e às vezes tem um grupo jovem que quer espaço, quer tocar diferente, fazer do jeito deles. Como eu já disse, nesse e em outros casos, o ministro tem que ser amigo de suas ovelhas e conquistar, pastorear, para que ele encontre um espaço saudável para passar valores, primeiro para equipe, enquanto ele trabalha também com a igreja, porque qualquer mudança em uma ou outra parte, não pode vir como um estalo, pois pode romper, tem que ser com critério, cuidado, sabedoria e muito jeito. Se for deixar como a juventude quer, vai ser só bateria, guitarras e som lá no alto, aí a igreja, que antes estava acostumada com o órgão e hinos tradicionais, se sente ameaçada. Cânticos entrando, hinos saindo, eu creio que o ministro tem que ter muita sabedoria, prudência, paciência, e aos poucos, médio e longo prazo ir estabelecendo metas, mesclando, orientando e dando oportunidade aos jovens, orientando também a igreja para que tenha paciência.

Vou dar um exemplo pessoal do meu ministério para tentar ilustrar isso. Comecei meu pastorado muito cedo, tinha 23 anos, e sempre fui muito dado aos jovens, adolescentes, e até hoje eu me dou muito bem com eles, falo a linguagem e brinco muito com eles, mas com o tempo de pastorado, aprendo que o pastor não é pastor dos jovens, nem das crianças, ele é pastor da comunidade. Eu não posso fazer a vontade de um e do outro, tenho que conduzi-lo em um passo equilibrado, não posso pegar na mão de um e sair correndo deixando o outro para trás. Tem uns jovens na nossa igreja que são do tipo que topa tudo, e querem com toda intensidade alcançar e abraçar o mundo, e temos também uma geração que estranha tudo, usa aquela linguagem antiga, e temos que juntar as duas gerações. Um chega pra mim depois do culto e diz: "Pastor, o culto foi tão espiritualivo" e outro diz: "Pastor, o culto foi filé, gostei muito". Pra um eu respondo: "Jóia, foi bom mesmo! Beleza!" e para o outro: "Foi muito bom, graças a Deus". E a gente vai na caminhada equalizando, falando a linguagem e tentando mesclar essas coisas. Eu creio que um pastor que está realmente começando o pastorado e a igreja demonstra dois lados distintos e distantes, é importante uma caminhada prudente, ainda que na visão do pastor esteja claro que ele tenha que chegar lá, mas com paciência, prudência, cuidado, jeito e levando aos poucos, não vai ser tão estranho para aquele grupo nem para o outro. As coisas vão se misturando.

A minha oração sincera é que, através dessa reflexão, análise, desse comentário que eu fiz aqui, você seja muito abençoado, e tenha, na sua igreja, uma experiência diferente, confrontadora, voltando às raízes, aos valores da nossa boa música evangélica que gerou pessoas comprometidas com o Senhor e gravou, na mente e no coração, letras, melodias e ritmos que formaram a nossa vida. Que Deus abençoe suas vidas, em nome de Jesu